

Roberto Freire, a Soma e a vida artista

João da Mata*

Roberto Freire tornou-se um importante instaurador libertário, com presença marcante em diversas áreas de cultura brasileira, especialmente nas últimas décadas do século vinte. Além de escrever mais de 30 livros, entre romances e ensaios, Freire envolveu-se no teatro, jornalismo, medicina, cinema e música. Sua participação na luta contra a ditadura militar no Brasil e seu envolvimento nestas distintas áreas serviu de fermento para a criação da Soma – uma terapia anarquista.

Talvez não seja exagero afirmar que sua vida seja o reflexo de suas criações e vice-versa. Roberto, de fato, procurou ser um artista em sua própria existência, um artífice na criação de um modo de vida libertário. Não cansava, mesmo com o avanço da idade, de (re) inventar a própria existência. Certa altura, já quando não conseguia mais andar, costumava dizer: “agora, o que me interessa é o espaço sideral... vou ser um astronauta”. Dizia, de maneira bem humorada, sabendo de suas limitações físicas, mas não cansando de buscar o que havia de juventude em um corpo que não mais acompanhava sua permanente inquietude. Muitas vezes, ao seu lado, sentia os saldos de minha “velhice”, apesar de ter cerca de quarenta anos a menos. A convivência com o Roberto era assim, algo rejuvenescedor, como uma carga de energia, incentivo e disposição para a luta libertária.

Freire procurou viver suas relações de amizade em liberdade, lutou pela construção permanente de sua autonomia, participou intensamente na produção e desenvolvimento da Soma, vivida de forma autogestiva entre os somaterapeutas que compartilharam do Coletivo Anarquista Brancaleone. Trazer a anarquia para seu cotidiano e para perto de si era algo fundamental em sua vida. Para Carvalho Ferreira (2007), ao referir-se a Roberto Freire, por quem estabeleceu uma estreita amizade, em sua vida (...) “existe sempre um pressuposto inquestionável: a anarquia aqui-e-agora. Esta dimensão da sua vida e obra leva-nos para os campos do amor, da amizade, da solidariedade e da liberdade. É uma diferença que nos separa de todos os anarquismos

ortodoxos, quer eles se denominem anarco-sindicalismo, comunismo-libertário, ou anarco-comunismo. Antes de qualquer revolução social ou classe social predestinada a transformarem-se em coveiros do capitalismo, do Estado e da religião, para Roberto Freire, cada indivíduo *per se* deve ser único como ator de sua própria libertação” (p.296).

Michel Foucault (2004) formulou um importante conceito em sua obra que parece-me funcionar bem quando nos referimos a pessoas como Roberto Freire. O filósofo francês ao lançar a noção de “vida artista” está interessado em formular uma proposta ética-política que coloque-se em oposição ao modo de vida burguês, caracterizado por ele como um modo de vida acomodado e acovardado. Para Foucault, a vida artista é um modo de vida libertário, inventivo e não acomodado. É a forma pela qual escolhemos caminhos, rotas e percursos em nossas existências, capazes de torná-la belas, riosas e potentes. Este processo, obviamente, não pode ser dado ou designado por outrem, mas cabe a cada um aventurar-se nas entranhas da vida e nas descobertas de seus próprios caminhos.

A noção de vida artista não está localizada necessariamente na vida de um artista, mas ligado à vida daqueles que procuram viver suas existências como obra de arte. É possível encontrar artistas que tenha uma vida nada artista, assim como existências muito simples, mas que revelam grande beleza e singularidade. Não se trata, portanto, de uma vida artística, geralmente relacionada ao percurso criativo de um determinado autor. Segundo Castelo Branco (2010), “Michel Foucault (...) entende que (a vida artista) é um modo de resistência ao poder, especial e digno de nota, que faz da luta pela autonomia, com o objetivo de livrar o sujeito dos controles e técnicas de normalização postas em jogo pelo conjunto multiforme das instituições contemporâneas” (p.128).

Outro pensador francês, o também filósofo Michel Onfray (1995), apoiando-se nesta noção de estética da existência, sugere a imagem de uma escultura de si como forma de elaboração artística de vida. Seguindo a tradição pós-metáforica da qual situa-se Foucault, Onfray coloca lado-a-lado o modo de vida estético de uma forma de viver não acomodada e libertária. Defende uma

postura rebelde no cotidiano contra os mecanismos de disciplina e controle. E assim, põe uma luz sobre o anarquismo contemporâneo ao trazer para perto de nossas vidas a principal forma de atitude libertária na atualidade. O que encontramos na vida de Freire é justamente essa capacidade em buscar aventurar-se na elaboração de sua estátua, de forma rebelde e libertária, fazendo uso dos materiais e instrumentos necessários em sua criação.

A Soma como instrumento libertário

Roberto Freire costumava afirmar ser a Soma sua principal obra e seu maior legado. Afirmava isto ao referir-se à contribuição que a Soma forneceu ao estudo do comportamento humano e social na atualidade. Mas também como contribuição ao pensamento libertário, especialmente na elaboração de um “anarquismo somático”, expressão que ganhou contorno, sobretudo, a partir de seu contato com Jaime Cubero, ainda na década de 1970. Freire acreditava ser a Soma um instrumento instaurador de possibilidades libertárias no amor, na convivência social, na amizade e na produção. Sem anunciar diretamente este propósito, defendia a Soma como um conjunto de técnicas de luta e conscientizações políticas capazes de auxiliar na construção de nossa autonomia, de nossa “vida artista”, portanto.

A Somaterapia ou apenas Soma é uma técnica terapêutica em grupo, corporal e baseada em princípios anarquistas. Utiliza os fundamentos da educação libertária como forma de conduzir um processo coletivo que dura em torno de um ano. Está fortemente associada às pesquisas do mais radical dissidente da Psicanálise, o austríaco Wilhelm Reich e sua formulação sobre a neurose como produto dos jogos de poder na sociedade. Reich apontou a forma como vivemos em sociedade como a principal responsável pelos conflitos emocionais e mostrou como o corpo é diretamente atingido por esse processo de ajustamento que passamos desde a infância até a vida adulta.

Entre as bases teóricas da Soma, o anarquismo e o pensamento reichiano são provavelmente as mais importantes contribuições que Roberto Freire adotou na elaboração de sua terapia anarquista. Unir a anarquia ao

Reich é corroborar tanto com a psicologia quanto a uma forma nova de fazer política. O olhar sobre o cotidiano no que Freire chama de política do cotidiano (1996); a valorização do prazer como ética e como indicador da singularidade (2000); e o corpo enquanto unidade indivisível (1990) são algumas das especificidades que faz desta união uma ferramenta psicossocial de singular valor.

Valendo-se uma dinâmica de grupo numa perspectiva autogestionária, os grupos de Soma funcionam com um laboratório social, favorecendo o entendimento de como cada um atua nas inter-relações pessoais. Assim, na prática autogestiva, o grupo é levado a experimentar um relacionamento social novo e não hierarquizado, sem a presença de autoritarismo e de centralismo. Isto funciona por meio das lideranças emergentes entre os participantes, que exercem papéis de coordenação do grupo de forma rotativa e descartável, impedindo a formação de liderança fixa.

Os objetivos da Soma estão ligados a questões como se construir uma subjetividade libertária? Que ética é possível para pensar a autonomia? Como estabelecer as bases de uma sociabilidade apoiada na defesa das diferenças individuais? E como situar o corpo no centro da intersubjetividade?

Se a Soma representou a maior obra de Roberto Freire, ela deve ser pensada como um conjunto de instrumentos que, manejados de forma singular e própria por cada um, deve servir de auxílio na construção de existências libertárias. Como qualquer instrumento, sua melhor utilidade dependerá da apropriação por quem a vivencia e a desfruta; de quem a manuseia, quais seus intuítos e como sua prática e ética envolvidas poderão fornecer a direção e a intensidade que este instrumento traz.

Em tempos de conservadorismos, conformismos e caretices como o que vivemos, mais que nunca existências como a de Roberto Freire servem para nos mostrar como que é possível lutar e construir vidas livres, vidas artistas. Não para indicar caminhos, servir de modelos, muito pelo contrário. Mas para despertar em cada um, as próprias possibilidades de vidas artistas. Como disse Loyola Brandão (2002), na apresentação do livro “Eu é um outro”, autobiografia de Freire: sua existência serviu “para ensinar os que sonham e têm medo”.

***João da Mata** é somaterapeuta há mais de vinte anos. Atualmente investiga a Somaterapia e alguns de seus desdobramentos em dois doutoramentos: em Sociologia Econômica e das Organizações na UTL - Portugal e em Psicologia na UFF - Rio de Janeiro.

Referências Bibliográficas

CASTELO BRANCO, Guilherme e VASCONCELLOS, Jorge. *Arte, Vida e Política: ensaios sobre Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Edições LCV/SR3/UERJ, 2010.

FERREIRA, José Maria Carvalho. *Roberto Freire: anarquia aqui-e-agora*. Artigo publicado na Revista Verve: São Paulo, 2007.

FREIRE, Roberto. *Tesudos de todo o mundo: uni-vos!* São Paulo: Siciliano, 1995.

Utopia e paixão. São Paulo: Sol e Chuva, 1996.

Ame e dê vexame. São Paulo: Trigram, 2000.

Sem tesão não há solução. São Paulo: Trigram, 2000.

Eu é um outro. Salvador: Maianga, 2002.

FOUCAULT, Michel *Coleção Ditos e Escritos: Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

O uso dos Prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

MATA, João da. *Introdução à Soma – uma terapia anarquista*. Rio de Janeiro: Achiamé: 2009.

ONFRAY, Michel. *A Política do Rebelde: tratado de resistência e insubmissão*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

A Escultura de Si: a moral estética. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

REICH, Wilhelm. *A Revolução Sexual*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.